



27 DE JANEIRO DE 2016

Quarta-feira

- GOVERNO DEVE ANUNCIAR INJEÇÃO DE R\$ 50 BI NO CRÉDITO VIA BANCOS PÚBLICOS
- TRABALHADORES DA GM EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ENCERRAM GREVE
- CAMEX REDUZ PARA 2% TARIFA DE IMPORTAÇÃO DE BENS DE INFORMÁTICA E DE CAPITAL
- QUEDA DE EMPREGO NA INDÚSTRIA PODE AUMENTAR INFORMALIDADE, ALERTA CAMPAGNOLO
- VOLKSWAGEN MODERNIZA A FÁBRICA DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS COM NOVA ÁREA DE SOLDA E MONTAGEM
- TOYOTA MANTÉM LIDERANÇA GLOBAL DE VENDAS EM 2015
- BANCO DOS BRICS VAI INICIAR FINANCIAMENTOS DE PROJETOS NO 2º TRIMESTRE
- GOVERNO DEVE MAIS DE R\$ 100 MILHÕES A EMPRESAS DE CAXIAS
- BANDEIRA VERMELHA CAI DE R\$ 4,50 PARA R\$ 3 EM FEVEREIRO
- AS DEZ CIDADES QUE MAIS GERARAM EMPREGOS NO PARANÁ EM 2015
- PRODUÇÃO GLOBAL DE AÇO BRUTO CAI 2,8% EM 2015, APONTA WORLDSTEEL
- LUCRO DO SANTANDER CRESCE 13,2% EM 2015
- COMPLEXO DA GM EM GRAVATAÍ PARA PRODUÇÃO POR 18 DIAS EM FEVEREIRO
- TRÊS MAIORES MUNICÍPIOS DA SERRA GAÚCHA FECHAM QUASE 17 MIL EMPREGOS EM 2015
- COLA METÁLICA PROMETE SUBSTITUIR SOLDA
- COM MERCADO EXTERNO FORTE, AVIBRAS PLANEJA FATURAR R\$ 1,3 BI NESTE ANO
- EXPOALUMÍNIO 2016 REÚNE PRINCIPAIS SETORES DA INDÚSTRIA

- REMESSAS DE LUCRO DESPENCAM E INVESTIMENTOS SOBEM EM 2015
- CEO DA VW TRUCK & BUS REAFIRMA CONFIANÇA NO BRASIL
- FORD APONTA QUE VENDAS CAÍRAM 38% EM JANEIRO
- DAF CREDENCIA CAMINHÃO CF PARA VENDAS VIA FINAME
- QUEDA NO FRETE MARÍTIMO FAZ CARGILL FECHAR UNIDADE LONDRINA
- RIO TINTO PODE TIRAR VALE DO 1º LUGAR EM PRODUÇÃO DE MINÉRIO
- ARTIGO: DILEMA
- DILMA DIZ QUE SITUAÇÃO INTERNACIONAL É ADVERSA E BRASIL PRECISA DA AMÉRICA LATINA PARA CRESCER
- ARTIGO: MELHORA EM DÓLARES
- ABRACEEL PROPÕE ADEÇÃO DE 330 MIL INDÚSTRIAS AO MERCADO LIVRE
- DEMISSÕES EM CONGONHAS ASSUSTAM PREFEITURA E SINDICATO
- EM UM ANO, BRASIL PERDE SETE POSIÇÕES EM RANKING MUNDIAL DE CORRUPÇÃO

CÂMBIO EM 27/01/2016		
	Compra	Venda
Dólar	4,038	4,039
Euro	4,397	4,399

Fonte: BACEN

Governo deve anunciar injeção de R\$ 50 bi no crédito via bancos públicos

27/01/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Medidas para tentar estimular o crescimento serão anunciadas amanhã, na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social; apesar do ceticismo do mercado, avaliação da equipe econômica é de que há demanda por empréstimos

O governo deve liberar cerca de R\$ 50 bilhões em linhas de crédito do Banco do Brasil, BNDES e Caixa (incluindo recursos do FGTS) no esforço para a retomada dos investimentos e do crescimento da economia, segundo apurou o **Broadcast**, serviço de notícias em tempo real da *Agência Estado*.

O anúncio será feito pelo ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, na reunião de reabertura do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Conselhão, marcada para quinta-feira, 28.

O governo anunciará também a ampliação de linhas do BNDES para financiar o "pré-embarque" dos exportadores, que são linhas que apoiam a produção de bens e serviços destinados à exportação. A presidente Dilma Rousseff quer que o comércio exterior seja um dos caminhos apontados para reativar a economia.

Embora a intenção da equipe econômica não seja anunciar um pacote de medidas, o reforço no crédito será o principal resultado prático da reunião, que é vista como um marco importante para sinalizar os principais compromissos do governo e a estratégia de recuperação econômica.

O crédito é peça fundamental na política que será adotada. A equipe econômica avalia que há demanda para os empréstimos, apesar do ceticismo de economistas do mercado financeiro.

O volume e o detalhamento das linhas de financiamento, que terão taxas mais baixas que as de mercado, ainda estão sendo fechados pelo Ministério da Fazenda. Esse incremento no caixa dos bancos públicos e do FGTS tem como origem o pagamento, pelo governo, de R\$ 72,4 bilhões das pedaladas no fim de 2015.

As pedaladas eram dívidas com os bancos públicos e com o FGTS represadas pelo Tesouro para melhorar artificialmente as contas do governo, que o Tribunal de Contas da União (TCU) mandou quitar.

O pagamento foi feito no fim do ano passado, permitindo que os bancos e o fundo tivessem reforço no caixa, o que abrirá espaço para a oferta das novas linhas.

Subsídio. Não estão previstos, porém, subsídios adicionais a serem pagos pelo Tesouro Nacional nas linhas que serão abertas. "Não terá impacto fiscal", assegurou uma fonte da área econômica.

Os desembolsos do FGTS devem servir para impulsionar o setor da construção civil, que tem respostas rápidas. O fundo deve "socorrer" mais uma vez o Minha Casa Minha Vida, em especial nas faixas 1 e 1,5, para famílias de baixa renda.

Também estão sendo estudadas formas de fazer com que esses recursos substituam, em parte, o peso da poupança como principal fonte dos financiamentos imobiliários.

Ainda não está decidido se será permitido o uso de parte da multa do FGTS como garantia para os empréstimos consignados.

No discurso na reunião do Conselhão, o ministro da Fazenda vai reforçar que o principal problema da economia é o fiscal e que é preciso fazer a reforma da Previdência. Barbosa, porém, não vai apresentar as linhas gerais do modelo de reforma que o governo estuda.

O discurso do ministro deve apontar também para a expectativa do governo de que uma reversão do quadro de recessão ocorrerá a partir do quarto trimestre.

Além de Barbosa, os ministros Armando Monteiro (Desenvolvimento), Kátia Abreu (Agricultura), Valdir Simão (Planejamento) e Alexandre Tombini (BC) também devem falar.

Trabalhadores da GM em São José dos Campos encerram greve

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Trabalhadores da General Motors em São José dos Campos decidiram encerrar a greve iniciada no dia 18, após aceitarem proposta para a segunda parcela da PLR (participação nos lucros e resultados) de 2015.

Os metalúrgicos aprovaram o pagamento de R\$ 5.600, mais antecipação de 50% do 13º salário e 60 dias de garantia de emprego ou salário. Além disso, a montadora pagará metade dos dias parados.

A greve começou dia 18 de janeiro, após metalúrgicos rejeitarem proposta de R\$ 4.250 de PLR. A montadora aumentou o valor para R\$ 5.000, que também foi rejeitado pelos trabalhadores.

Os trabalhadores reivindicavam R\$ 6.405, mas acabaram aceitando a proposta de R\$ 5.600.

Os termos do acordo aprovado nesta terça-feira foram definidos na segunda-feira, em audiência de conciliação no Tribunal Regional do Trabalho, em Campinas.

Em comunicado, a GM informou que “acredita que essa decisão é positiva, mas não resolve a situação de competitividade do complexo de São José dos Campos visto que a paralisação da operação na fábrica por 6 dias só contribuiu para aprofundar a séria crise que afeta hoje a GM e a indústria automotiva”.

A fábrica de São José dos Campos produz a picape S10 e o utilitário Trailblazer, além de motores e transmissão. A GM tem 4.800 trabalhadores na unidade, sendo que cerca de 600 estão em lay-off até 31 de janeiro, informou a entidade.

O sindicato afirmou que a GM não pagou a segunda parcela da PLR para as fábricas de São Caetano do Sul (SP) e Gravataí (RS), e que os trabalhadores de São Caetano já protocolaram aviso de greve.

Camex reduz para 2% tarifa de importação de bens de informática e de capital

27/01/2016 – Fonte: Paraná Online

A Câmara de Comércio Exterior (Camex) reduziu para 2% as alíquotas do Imposto de Importação incidentes sobre 22 bens de informática e telecomunicação e sobre vários bens de capital, todos na condição de ex-tarifários.

A decisão consta de duas resoluções publicadas no Diário Oficial da União (DOU) desta quarta-feira, 27. A vigência do benefício vai até 31 de dezembro de 2017 para os dois grupos de produtos.

A Camex ainda revogou dois ex-tarifários - elementos compressores e fresadoras CAD/CAM, classificados nos códigos 8414.80.12 e 8459.61.00 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), respectivamente.

Com isso, esses produtos voltam a ser taxados com as alíquotas originais de importação, ambas de 14%. O cancelamento do incentivo para as fresadoras ocorrerá somente a partir de 1º de março.

Veja aqui a íntegra das resoluções, com os bens de informática e os bens de capital contemplados pela medida.

27/01/2016 – Fonte: Agência Fiep



O presidente da Fiep, Edson Campagnolo, disse nesta sexta-feira (22) que a notícia da queda de emprego na indústria do Paraná é muito preocupante e que providências precisam ser tomadas para reverter este quadro.

“O risco do desemprego é elevar os índices de informalidade”, alerta Campagnolo. E, segundo ele, a informalidade gera concorrência desleal, prejudicando a competitividade da indústria como um todo e a economia do país. “Além disso, o trabalho informal não resulta em arrecadação, o que contribui para agravar o rombo da previdência”, adverte.

Para Campagnolo, o governo terá que encontrar saídas para esta crise e isso terá que ser construído em conjunto com a classe empresarial.

“O governo federal sinalizou que está reativando o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) e vamos reivindicar assento neste Conselho para industriais do Paraná”, disse o presidente da Fiep.

O CDES, o chamado “Conselhão” foi criado em 2003 no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A atribuição do CDES é assessorar o presidente da República na formulação de diretrizes para o país e de propostas de políticas públicas, reformas estruturais e de desenvolvimento econômico e social.

A presidência do CDES cabe à presidente da República. Seus membros são designados pela presidência para um mandato de dois anos, com possibilidade de recondução.

Na composição do Conselho estão presentes trabalhadores, empresários, representantes de movimentos sociais, governo e lideranças expressivas de diversos setores.

Desemprego

A redução dos níveis de emprego no País foi divulgada na semana passada. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, 1,5 milhão de vagas foram fechadas no País em 2015. É o pior número da série histórica iniciada em 1992.

O Paraná foi o sexto estado que mais demitiu, ficando atrás de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Foram 75.548 demissões no mercado de trabalho paranaense no período.

O setor industrial foi o mais afetado. Das 75.548 vagas fechadas, 63 mil foram na indústria, sendo 46 mil na indústria de transformação e 16 mil na indústria da construção civil. O restante ocorreu na indústria extrativista.

Volkswagen moderniza a fábrica de São José dos Pinhais com nova área de solda e montagem

27/01/2016 – Fonte: CIMM

A Volkswagen do Brasil investiu na modernização da fábrica de São José dos Pinhais, com a ampliação de áreas produtivas e a instalação de equipamentos de última geração para a fabricação do Novo Golf, um dos modelos mais inovadores da marca do mundo.

Foi criada uma nova área de Armação, com equipamentos mais modernos e eficientes, que proporcionam a economia de até 30% no consumo de energia, em comparação com processos anteriores.

Um novo processo de montagem de veículos também foi implementado, permitindo que os modelos da família Fox e o Novo Golf sejam produzidos na mesma linha, um fato inédito dentro do Grupo Volkswagen.

Além disso, mais de 2.000 empregados participaram de programas de qualificação profissional para todos os postos de trabalho envolvidos na fabricação do Novo Golf, para assegurar a excelência da mão de obra na produção do modelo.

“A fabricação do Novo Golf é mais um sinal do compromisso de longo prazo que a Volkswagen do Brasil tem com o País. Mesmo nesse cenário econômico desafiador, estamos mantendo nossos investimentos no desenvolvimento de novos produtos”, afirmou David Powels, CEO e Presidente da Volkswagen do Brasil.

O Novo Golf é fabricado dentro do mais moderno conceito do Grupo Volkswagen, a estratégia modular MQB (Matriz Modular Transversal), que é uma nova arquitetura para a produção de veículos, já aplicada em modelos globais como o Passat e o Golf Variant.

O conceito consiste na padronização do processo de manufatura nas fábricas do Grupo, estabelecendo, por exemplo, a mesma sequência de montagem e proporcionando como grande vantagem a redução do tempo de produção dos veículos.

A MQB também permite compartilhar a base estrutural para o desenvolvimento de veículos de diferentes segmentos, gerando sinergia para todas as classes de automóveis. Essa base foi desenvolvida seguindo preceitos de baixo peso, utilizando aços de alta resistência que permitem aumentar a segurança e reduzir o peso total do veículo, o que colabora para a redução do consumo de combustível.

A combinação de dimensões padronizadas e variáveis, outro benefício da MQB, reduz significativamente a complexidade da produção de um veículo, gerando melhora substancial no processo produtivo e economia de escala.

Investimentos para a fabricação do Novo Golf

Todas as áreas produtivas receberam investimentos para o início da fabricação do Novo Golf: na Armação, onde ocorre a montagem das carrocerias, foi instalada uma nova linha com 168 robôs de última geração.

Entre os novos equipamentos, estão soldas a laser, que fazem a união das peças por meio de um feixe de luz, e um novo Eco Framer, moderno equipamento que faz a geometria da carroceria, com precisão de décimos de milímetro, e a colocação das laterais interna e externa, o que traz vantagens qualitativas.

Os robôs, além de possuírem tecnologia avançada, são mais rápidos, menores, mais precisos e têm controles digitais de alta eficiência, o que resulta em economia de energia. Por conta disso, esses equipamentos são 25% mais eficientes energeticamente se comparados à geração anterior.

Ainda na Armação, foram instaladas 145 pinças servo-pneumáticas utilizadas no processo de solda da carroceria, que são mais rápidas e 30% mais eficientes energeticamente. Elas também garantem 99% da eficiência do processo de união das peças, por meio de sistemas que já fazem a avaliação dos pontos trabalhados, no momento da solda.

Além disso, os geradores da nova cabine de solda a laser, onde é realizada a soldagem do teto e das laterais do veículo, consomem apenas 15% da energia gasta pela tecnologia anterior.

A Pintura também ganhou uma nova linha com robôs mais modernos para aplicação de PVC, Primer e Verniz, por possuírem maior precisão na aplicação dos materiais, esses equipamentos garantem a excelência qualitativa do processo produtivo.

Na Montagem, a principal mudança ocorreu na área do Fahrwerk – onde é feita a união da parte motriz do veículo (motor, transmissão e suspensão) com a carroceria – processo que também é conhecido como “casamento”.

Foi implementado um novo Fahrwerk, que permite que os modelos da família Fox e o Novo Golf sejam montados na mesma linha, um fato inédito dentro do Grupo Volkswagen. O novo sistema confere ainda mais precisão ao processo, além da rastreabilidade dos apertos de todos os parafusos utilizados nessa etapa.

Para a instalação do novo Fahrwerk, foram trazidos mais de 60 containers com equipamentos da Alemanha, entre eles robôs de parafusamento, parafusadeiras, fusos, placas de montagem do conjunto motriz, elevadores de placas, mesas de transferência, manipuladores e sistemas de controles eletrônicos.

Como funciona o Fahrwerk:

A área do Fahrwerk é subdividida em três principais processos: Primeiro, ocorre a montagem do motor com câmbio e todos os periféricos do conjunto motriz. Em seguida, é feita a pré-montagem do chassi (eixos, tanque de combustível, suspensão, escapamento), e depois a união da parte motriz (motor, transmissão e suspensão) com a carroceria, processo que também é conhecido como “casamento”.

Com o novo Fahrwerk, a unidade de São José dos Pinhais está alinhada à nova estratégia global da marca (MQB) e a linha de montagem preparada para fabricar novos produtos dentro deste conceito.

Projeto foi desenvolvido com tecnologia digital inovadora

O projeto da fabricação do Novo Golf em São José dos Pinhais foi desenvolvido com auxílio da Fábrica Digital, uma tecnologia do Grupo Volkswagen que consiste em um conjunto de softwares adaptados para simular virtualmente os processos produtivos, antes da implementação física.

A “Fábrica Digital” foi utilizada na maior parte dos processos de adaptação da fábrica para receber o novo modelo, seja na implementação de novos equipamentos como na otimização do fluxo logístico, evitando um total de gastos da ordem de mais de R\$ 4 milhões, que seriam utilizados com possíveis interferências e adaptações que deixaram de ser realizadas.

A Fábrica Digital permite realizar simulações, que garantem a definição do melhor e mais robusto processo produtivo, minimizando o prazo de implementação, otimizando o tempo de fabricação e balanceamento da linha, além de promover a melhoria da ergonomia, levando à excelência os movimentos do trabalhador e gerando maior produtividade.

Além da simulação dos processos produtivos, os postos de trabalho também foram avaliados no ambiente da Fábrica Digital, utilizando, entre diversos recursos, uma tecnologia presente em games.

Esse recurso altamente tecnológico foi utilizado para garantir a ergonomia dos postos de trabalho na nova linha de produção, mantendo sempre o bem-estar dos colaboradores.

O uso da tecnologia na produção automobilística é uma inovação da Volkswagen do Brasil que figura entre as melhores práticas do Grupo Volkswagen, em nível mundial.

A tecnologia de games permite avaliar a ergonomia dos postos de trabalho da produção.

Durante as análises, um colaborador simula o mesmo movimento necessário no processo produtivo. Com uma câmera, são captadas as imagens do operador em movimento; essa tecnologia permite que os ergonomistas avaliem se os movimentos são ergonômicos.

Uma das principais vantagens é a praticidade de uso dessa tecnologia, cujo aparelho é transportado e montado facilmente, permitindo simulações rápidas.

A utilização da tecnologia de games para aprimorar a ergonomia de postos de trabalho da produção da empresa é uma inovação criada pela equipe de Engenharia de Manufatura da Volkswagen do Brasil.

Trajectoria

Atualmente, a unidade de São José dos Pinhais emprega mais de 3 mil pessoas, produzindo os modelos Fox, Fox BlueMotion, CrossFox, SpaceFox, Novo Golf e Audi A3 Sedan.

Em 2014, a Volkswagen renovou toda a família Fox, que é referência em versatilidade, ergonomia, espaço interno, segurança e tecnologia em seu segmento.

Toyota mantém liderança global de vendas em 2015

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A montadora japonesa Toyota voltou a dominar as vendas de automóveis no planeta em 2015, pelo quarto ano consecutivo, com 10,15 milhões de unidades comercializadas.

Apesar de a Volkswagen ter liderado o setor no primeiro semestre, a Toyota conseguiu manter a hegemonia ante o grupo alemão, que foi afetado pelo escândalo dos motores com um software que adulterava resultados das emissões de poluentes e pela desaceleração da economia chinesa, seu principal mercado.

A VW, que reúne 12 marcas (Audi, Skoda, Porsche, Scania, entre outras), vendeu 9,93 milhões de unidades no ano passado.

A americana General Motors (GM), que liderou as vendas durante 70 anos, antes de perder o primeiro lugar para a Toyota, ficou em terceiro com 9,8 milhões de unidades vendidas.

A Toyota, que superou em 2014 pela primeira vez na história do grupo a marca de 10 milhões no conjunto de suas marcas (Toyota, Lexus, Daihatsu, Hino,...), conseguiu manter a liderança apesar de um leve retrocesso nas vendas (-0,8%).

A montadora japonesa registrou dificuldades especialmente em seu país (-6,5%), em um contexto de frágil recuperação da terceira maior economia mundial.

Um pouco antes da divulgação dos números, o jornal econômico *Nikkei* informou que a Toyota e a Suzuki negociam uma aliança centrada nos modelos compactos e nas tecnologias verdes, destinados à Índia e a outros mercados emergentes.

Mas a Suzuki negou a informação em um comunicado. "É inexato dizer que mantemos conversações com a Toyota", afirma a nota.

A Suzuki, que registrou vendas em 2014 de 2,8 milhões de veículos (sem considerar as motos), já foi sócia da General Motors e depois da Volkswagen. Mas a aliança com o grupo alemão, estabelecida em 2009, terminou com uma troca de acusações sobre violação dos termos do acordo.

A Toyota assumiu em 2008, no início da crise financeira internacional, o primeiro lugar nas vendas em todo o mundo, até então um lugar cativo da GM.

Desde então, a empresa mantém a liderança, com a exceção do ano de 2011, quando um terremoto e um tsunami devastaram o nordeste do Japão.

Banco dos Brics vai iniciar financiamentos de projetos no 2º trimestre

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Em operação desde julho, o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), nome oficial do banco de fomento criado pelos países do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), deve iniciar o financiamento de projetos ainda no segundo trimestre deste ano.

A instituição trabalha com a meta de anunciar em abril ao menos um projeto em cada país membro. Segundo o vice-presidente da instituição, o brasileiro Paulo Nogueira Batista, já há uma missão do banco discutindo o financiamento a três usinas eólicas no País em parceria com o BNDES.

Batista participou na tarde desta terça (26) de uma palestra na sede do BNDES, no Rio.

Segundo ele, o banco já recebeu aportes em janeiro e tem hoje US\$ 1 bilhão em caixa. Até o final do ano, a previsão é iniciar as operações financeiras com a meta estabelecida internamente de liberar financiamentos a até 20 projetos no valor de US\$ 2,5 bilhões focados em infraestrutura e desenvolvimento sustentável, como em saneamento e energia renovável.

"A missão no Brasil está estudando uma linha de crédito em dólar vinculada especificamente a esses projetos de usinas. O crédito seria liberado ao BNDES, que, então, faria o empréstimo ao tomador final. O risco final é do BNDES, quase um risco soberano", afirmou o executivo.

Atuação

Segundo Batista, o banco terá atuação fortemente atrelada aos bancos nacionais de desenvolvimento pela experiência e "visão comum dos problemas de desenvolvimento". O executivo também indicou que a intenção é ter execução rápida dos financiamentos, em até seis meses, além de operações em moedas diversificadas, com prioridade às nacionais.

"Este é um banco de projetos que respeita a estrutura política dos países. Não vamos impor regras, mas garantir que haja projetos sólidos", indicou. Batista também reforçou que, mesmo sendo um banco técnico, ele se insere em um projeto político dos países membros.

"Ele reflete a ascensão desses países", completou.

Após a estruturação das operações financeiras, o banco irá se debruçar sobre a abertura a novos integrantes.

A estratégia desenhada até agora prevê duas categorias de novos membros: países desenvolvidos não tomadores de empréstimos e países em desenvolvimento. Pelo modelo apresentado, os países desenvolvidos teriam limite de 20% de participação no capital do banco e os emergentes de até 25%.

“Nosso acordo de fundação prevê proteções aos países fundadores. O poder de voto dos cinco integrantes não será reduzido a menos de 55%. Nenhum sócio individual terá mais de 7% de participação”, explicou Paulo Nogueira Batista. Segundo ele, já há demanda expressa da Grécia em ingressar no banco. “Não tenho dúvida que, quando abrirmos, haverá demanda. Mas queremos fazer isso com organização.”

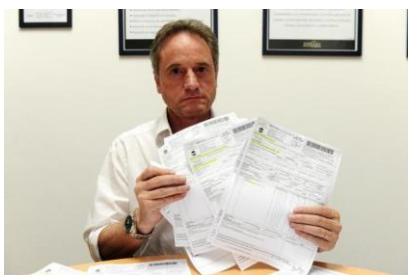
“Cautela e humildade”

O executivo ainda ressaltou a “cautela e humildade” do banco em sua etapa inicial, observando o funcionamento de outras instituições semelhantes. “Vamos começar pelo mais simples, com títulos internacionais e parcerias com instituições públicas que têm mais garantias”, afirmou.

O banco foi criado em 2014 pelos cinco países do Brics e iniciou as operações há sete meses. A sede está situada em Xangai, na China, e a governança é distribuída entre os países fundadores. Hoje, cerca de 50 pessoas trabalham na instituição.

Governo deve mais de R\$ 100 milhões a empresas de Caxias

27/01/2016 – Fonte: O Pioneiro



Há várias semanas o empresário Lori Luiz Furlan perdeu o sono. Ele administra a Serrana Sistema de Energia, que fornece produtos a vários órgãos do governo federal. Quase tudo o que foi entregue em 2015, com nota liquidada (quando houve repasse da mercadoria), não foi pago.

A dívida ultrapassa os R\$ 300 mil e coloca em risco o funcionamento dessa empresa de pequeno porte de Caxias, que produz equipamentos para fornecimento, correção e geração de energia, como autotransformadores, estabilizadores e nobreaks.

— Tive de vender bens particulares para honrar com os compromissos e não seguir o exemplo do governo — revela.

Não há estatísticas de quantas empresas da Serra gaúcha estão sendo prejudicadas pelo não-pagamento da dívida pelo governo federal. Uma rápida pesquisa feita pela reportagem do Pioneiro indica mais de 10. O total da inadimplência supera os R\$ 100 milhões.

O valor devido à Serra Sistema representa três meses de faturamento da empresa, que emprega 12 funcionários. Furlan trabalha com serviços para o governo há 10 anos. É a primeira vez que sente na pele o prejuízo.

Ele conta que fornecer produtos para os governos (municipal, estadual e federal) não representa um processo fácil. Primeiro, é preciso estar com todos os impostos em dia — se

estiver inadimplente com o governo, está descartada — e ter a garantia que o produto é o melhor na categoria.

O próximo passo é ter toda a documentação exigida à disposição. E não é pouca coisa. Quando chega o empenho (ordem de compra), é hora de entregar a mercadoria (sem atrasos). A partir daí começa uma nova etapa do processo: receber o pagamento. Pela lei o acerto deve ser feito em até 30 dias.

Para ter uma ideia, a Serrana emitiu uma nota no valor de R\$ 9.378 para o Centro Tecnológico da Marinha de São Paulo, no dia 30 de setembro de 2015. Ainda não recebeu o dinheiro. A cobrança é feita semanalmente. A resposta é sempre a mesma: "aguardando numerário".

— Isso é um golpe. É irresponsabilidade do governo dizer que incentiva o empreendedorismo e não pagar o que deve aos fornecedores — desabafa o administrador.

Lori tem razão. Após um ano em que a indústria caxiense fechou mais de 11 mil empregos — no total, são 14 mil vagas extintas —, as empresas estão fazendo malabarismos para não fechar as portas.

Com a maior produtora de ônibus da América Latina, a Marcopolo, a dívida do governo federal chega, atualmente, a R\$ 80 milhões. Já foi bem maior. No segundo semestre de 2015 ultrapassou os R\$ 250 milhões, mas parte foi paga. O valor corresponde à entrega de ônibus escolares feita em novembro de 2014.

O vice-presidente de Relações Institucionais da Marcopolo, José Antônio Fernandes Martins, define como irresponsável a atitude do governo numa época em que as empresas enfrentam uma das piores recessões do país.

— E o pior. O governo sequer cogita a possibilidade de pagar o valor devido com juros — critica Martins.

A assessoria de comunicação do Ministério do Planejamento informa que não tem como se manifestar sobre o assunto. Cada empresa precisa cobrar diretamente de cada órgão que forneceu seus produtos.

Bandeira vermelha cai de R\$ 4,50 para R\$ 3 em fevereiro

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A tarifa extra foi cobrada nas contas de luz em todo o ano passado

O custo da bandeira tarifária cairá em fevereiro nas contas de luz de todo o país de R\$ 4,50 para R\$ 3,00 a cada 100 quilowatt-hora (kWh) consumidos.

A diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) definiu, nesta terça-feira (26), as novas regras para cobrança das bandeiras nas contas de luz. Segundo André Pepitone, diretor que relatou o tema à diretoria, a grande novidade da discussão foi a criação de um novo patamar da bandeira vermelha, que será dividida nos patamares 1 e 2, além da redução dos custos.

Em todo o ano passado foi cobrada a bandeira vermelha nas contas de luz em todo o país. Essa bandeira perdurou neste mês de janeiro, quando a cobrança era de R\$ 4,50 para cada 100 kWh consumidos.

Pela proposta aprovada hoje pela Aneel, a bandeira vermelha passará a ter o valor de R\$ 3,00 para o patamar 1 da bandeira vermelha e de R\$ 4,50 para o patamar 2. A bandeira amarela cai de R\$ 2,50 para R\$ 1,50 para cada 100 kWh consumidos.

Aneel diz que conta de luz pode ficar mais barata

“Cenário hoje é de (necessidade do uso) térmicas de até R\$ 600 de custo, então estamos no primeiro patamar da bandeira vermelha. O consumidor, portanto, deixa de pagar R\$ 4,50 e passa a pagar R\$ 3,00 a cada 100 kWh consumidos”, disse Pepitone, indicando os custos para fevereiro, que serão oficialmente divulgados na sexta-feira.

A mudança dos custos levados a audiência pública – com custo de R\$ 4,00 no primeiro patamar e de R\$ 5,50 no segundo patamar da bandeira vermelha – envolve uma série de fatores econômicos e setoriais, entre os quais a melhora da situação dos reservatórios do país, a revisão da projeção de crescimento do mercado de 2,4% para 1%, o resultado da repactuação de riscos hidrológicos pelas usinas e o resultado de leilões de energia no fim do ano passado.

“A percepção de queda será de 33% no custo da bandeira, mas, apesar da melhora, haverá ainda a bandeira vermelha, que se justifica pelo estoque de energia armazenada nas hidrelétricas. No Nordeste, ainda está em 30% da média, por isso é necessário manter a bandeira vermelha. Eventualmente, ao longo de 2016, será possível alcançar a normalidade”, disse Tiago Correia, diretor da Aneel.

Excedente

As bandeiras permaneceram no patamar vermelho durante todo o ano de 2015 indicando custos maiores de geração de energia. A partir de agosto, porém, o valor arrecadado passou a gerar um excedente financeiro para as distribuidoras.

Até novembro, último valor apurado, esse saldo já era de R\$ 1 bilhão, um valor cobrado nas tarifas além do necessário para gerar térmicas e pagar outros custos da falta de água nos reservatórios das hidrelétricas. Para evitar essa distorção, a Aneel propôs a revisão aprovada nesta terça-feira.

“A bandeira foi importante porque deu uma sinalização econômica ao consumidor de que a energia consumida era cara. Foi bom do ponto de vista econômico e do ponto de vista didático”, disse Reive de Barros, diretor da Aneel.

O diretor geral da Aneel, Romeu Rufino, lembrou que no fim do ano passado o governo já havia reduzido o custo da bandeira vermelha de R\$ 5,50 para R\$ 4,50 a cada 100 kWh consumidos, quando o governo decidiu desligar as térmicas mais caras.

As dez cidades que mais geraram empregos no Paraná em 2015

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

O estado eliminou 75 mil postos de trabalho no ano passado, mas houve contratação em alguns municípios

Em 2015, foram fechados mais de 75 mil postos de trabalho com carteira assinada no Paraná, segundo o Caged, cadastro mantido pelo Ministério do Trabalho. A maior parte desses cortes ocorreu em Curitiba, onde quase 32 mil vagas foram fechadas no ano passado. Também houve enxugamentos expressivos em São José dos Pinhais (- 6,7 mil), Maringá (3,1 mil), Londrina (-2,9 mil) e Arapongas (-2,7 mil).

Na outra ponta, alguns municípios do estado mantiveram o saldo positivo, com mais contratações do que demissões no ano passado. Veja as dez cidades com os melhores resultados:

- | | |
|----------------------------|------------------------|
| 1. Pontal do Paraná: 2.265 | 6. Ortigueira: 694 |
| 2. Matinhos: 1.936 | 7. Palotina: 585 |
| 3. Medianeira: 1.272 | 8. Telêmaco Borba: 483 |
| 4. Matelândia: 1.270 | 9. Araucária: 404 |
| 5. Paraíso do Norte: 911 | 10. Cafelândia: 404 |

Produção global de aço bruto cai 2,8% em 2015, aponta Worldsteel

27/01/2016 – Fonte: Valor Econômico

A produção global de aço bruto encerrou 2015 em 1,62 bilhão de toneladas, informou a Worldsteel Association, nesta segunda-feira. A queda em relação a 2014 foi de 2,8%, sendo influenciada especialmente por menores volumes da Europa e dos Estados Unidos, mostram os dados.

Mas a China, maior produtora internacional, também reduziu o passo em 2015. As siderúrgicas chinesas cortaram a produção anual em 2,3%, para 803,8 milhões de toneladas.

Foi a primeira redução em décadas, como já havia adiantado a Associação de Ferro e Aço da China (Cisa, na sigla em inglês) na semana passada, mas o país ainda representa 49,5% da produção global.

A Worldsteel, que reúne as informações dos 66 principais países que fabricam aço no mundo, disse ainda que o uso de capacidade médio ao longo de 2015 foi de 69,7%, bem abaixo dos 73,4% observados no ano anterior — que já representavam baixa de 4,7 pontos percentuais perante 2013.

Em dezembro passado, a produção de aço mundial foi de 126,7 milhões de toneladas. Ante o mesmo mês do ano anterior, a queda foi de 5,7%, e na comparação com novembro, foi registrada estabilidade. No último mês de 2015, a utilização de capacidade instalada foi de 64,6%, a pior desde janeiro de 2009.

A China fabricou 64,4 milhões de toneladas no mês passado, corte de 5,2% em comparação anual. Mas, de novembro para dezembro, as siderúrgicas locais aumentaram o volume produzido em 1,7%.

Dentre outros países asiáticos, o Japão reduziu sua produção em 4,5%, para 8,6 milhões de toneladas, em bases anuais, e a Coreia do Sul elevou o volume em 2,1%, para 5,9 milhões de toneladas.

A Worldsteel informou ainda que a Rússia cortou a produção em 3,3%, também em comparação anual, para 5,9 milhões de toneladas, e a Turquia diminuiu o passo em 1,6%, para 2,7 milhões de toneladas.

Nos Estados Unidos, o recuo foi de 16,3%, para 6 milhões de toneladas, e na União Europeia (UE), de 8,3%, para 11,5 milhões de toneladas.

No acumulado de 2015, a produção da Europa — 28 países da UE mais os mercados do continente que não fazem parte do bloco — caiu 3,2%, para 303,9 milhões de toneladas. Nos EUA, houve queda de 10,5%, para 78,9 milhões de toneladas.

Os números da associação apontam também para recuo de 6,1% na produção brasileira, para 2,5 milhões de toneladas, em dezembro. Em 2015 a baixa foi de 1,9%, para 33,2 milhões. A participação do Brasil na produção global ficou estável em 2,1%.

Lucro do Santander cresce 13,2% em 2015

27/01/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



O Santander Brasil inaugurou a temporada de balanços dos grandes bancos de capital aberto ao anunciar lucro líquido gerencial, que não exclui o ágio da compra do Real, em R\$ 1,607 bilhão no quarto trimestre de 2015, cifra 5,65% maior que a vista em 2014, de R\$ 1,521 bilhão. Em relação aos três meses anteriores, houve queda de 5,9%.

No ano passado, o resultado gerencial do Santander totalizou R\$ 6,624 bilhões, aumento de 13,2% em relação a 2014, de R\$ 5,850 bilhões. O banco explica, em relatório que acompanha suas demonstrações financeiras, que se beneficiou de créditos tributários não ativados no montante de R\$ 800 milhões.

“Este benefício foi compensado integralmente nas linhas de margem financeira bruta e provisões de crédito de liquidação duvidosa, portanto sem impacto no lucro líquido”, esclarece o Santander, no documento.

No conceito societário, que considera eventos não recorrentes, o lucro líquido do Santander no Brasil foi a R\$ 1,167 bilhão no quarto trimestre de 2015, incremento de 101,9% ante mesmo período do ano passado, de R\$ 578 milhões. Já o resultado do ano somou R\$ 6,998 bilhões, elevação de 223,8%.

A carteira de crédito ampliada do Santander totalizou R\$ 330,946 bilhões ao final de dezembro, retração de 0,3% na comparação com setembro, de R\$ 331,922 bilhões. Em um ano, quando os empréstimos estavam em R\$ 310,593 bilhões, foi visto avanço de 6,6%.

O Santander encerrou dezembro com R\$ 677,454 bilhões em ativos totais, cifra 14,8% maior que a registrada em um ano, de R\$ 589,956 bilhões. Na comparação com o terceiro trimestre de 2015, o montante foi 3,6% inferior.

O patrimônio líquido do Santander Brasil alcançou R\$ 50,673 bilhões ao término de dezembro, elevação de 0,4% ante um ano, de R\$ 50,453 bilhões. Em relação à cifra de setembro, foi identificada queda de 4,3%.

O retorno sobre o patrimônio líquido do banco (ROE, na sigla em inglês), excluindo o ágio, ficou em 12,4% no quarto trimestre contra indicador de 12,8% nos três meses anteriores. Em um ano, teve melhora de 1,3 ponto porcentual.

O Santander realiza nesta quarta-feira, 27, às 11h, coletiva de imprensa para comentar os resultados de 2015. Será a primeira conversa oficial de Sérgio Rial, que assumiu o comando do banco este ano, com jornalistas.

Pelo resultado divulgado na Espanha, o Santander Brasil gerou lucro de 1,631 bilhão de euros para o grupo, alta de 13,5% na comparação com 2014. Assim, o país respondeu por 19% do lucro da empresa no ano passado - mesma fatia de 2014 - mantendo-se como a

segunda subsidiária mais lucrativa, atrás do Reino Unido, responsável por 23% do lucro do ano.

Complexo da GM em Gravataí para produção por 18 dias em fevereiro

27/01/2016 – Fonte: O Pioneiro



Com a queda das vendas no mercado interno dos modelos produzidos pela unidade gaúcha da General Motors (GM), a montadora vai recorrer a férias coletivas na fábrica de Gravataí.

O complexo vai parar de 11 a 28 de fevereiro, com previsão de voltar ao trabalho no dia 29. Será mais uma tentativa para adequar o ritmo de produção ao mercado em crise.

Mais de 800 trabalhadores da fábrica do terceiro turno estão em layoff (suspensão do contrato de trabalho) desde o início de dezembro do ano passado, medida prevista para vigorar até abril.

Todo o complexo, incluindo sistemistas, tem cerca de 8 mil funcionários. Apesar de o Onix ter encerrado 2015 como o veículo mais vendido no país, os emplacamentos de todos os modelos produzidos pela GM em Gravataí caíram 24%, para 214 mil unidades.

O mesmo ocorreu com o Onix. Em 2015, foram vendidas no país 125,9 mil unidades, 16,5% abaixo dos números de 2014, informa a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores. Conforme a entidade, o mercado de automóveis leves também recuou 24% ano passado.

A GM justifica a medida ressaltando "o quadro dramático que vive hoje a indústria no país, onde o mercado automotivo brasileiro registrou queda nas vendas em torno de 30% apenas em 2015".

A montadora observa ainda que a expectativa para este ano é de um mercado em torno de 2 milhões a 2,2 milhões de unidades, quase metade do recorde de 2012, quando 3,8 milhões de veículos foram comercializados no país.

Para Milad Kalume Neto, gerente de desenvolvimento de negócios da Jato, consultoria especializada no setor, as vendas devem continuar em queda devido ao quadro de recessão, inflação alta, desemprego crescente e crédito limitado.

– São fatores que levam o consumidor a não querer se endividar para comprar um bem – observa.

Três maiores municípios da Serra Gaúcha fecham quase 17 mil empregos em 2015

27/01/2016 – Fonte: O Pioneiro

Os três maiores municípios da Serra Gaúcha fecharam, juntos, 16.881 vagas de emprego ao longo de 2015. Do total, 13.370 vagas foram nas extintas na Indústria de Transformação, que é o setor mais afetado. As informações são da Serra Gaúcha.

Caxias do Sul é o município com maior perda no mercado de trabalho formal. Foram 14.171 postos cortados, um decréscimo de 8,32% sobre o total de empregos formais. Desses, 11.027 foram na Indústria de Transformação.

Bento Gonçalves registrou fechamento de 1.926 vagas, uma queda de 4,54%. Na Indústria de Transformação, foram 1.824 postos encerrados. Em Farroupilha, foram 784 postos de trabalho fechados, diminuição de 3,02%. Foram 519 desligamentos na Indústria de Transformação.

Os dados fazem parte da Carta do Mercado de Trabalho Formal, pesquisa realizada pela UCS com dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED).

Cola metálica promete substituir solda

27/01/2016 – Fonte: CIMM

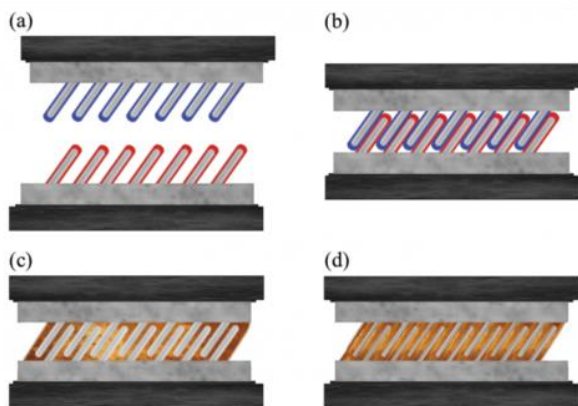
Um novo tipo de cola metálica promete nada menos do que substituir o processo de soldagem.

Tanto que Stephen Stagon e seus colegas da Universidade Northeastern, nos EUA, chamam-na de "solda sem calor".

Stagon diz que essa cola metálica é perfeita para juntar materiais eletrônicos, dentro ou fora dos chips, peças delicadas de vidro ou mesmo filamentos metálicos dentro de uma lâmpada.

A cola sela a temperatura ambiente mediante uma leve pressão.

Quem explica detalhadamente o processo, é o professor Hanchen Huang, que já se juntou aos seus alunos para criar uma empresa e colocar a "solda sem calor" no mercado.



O diagrama mostra como o núcleo metálico dos nanobastões entrelaçados criam um líquido que é posteriormente solidificado.

Imagem: Huang / Northeastern University.

Cola metálica

"Tanto 'metal' quanto 'cola' são termos familiares para a maioria das pessoas, mas sua combinação é nova e se tornou possível graças a propriedades únicas de nanobastões metálicos - hastes extremamente pequenas com núcleos de metal que nós revestimos com o elemento índio de um lado e o elemento gálio do outro.

"Estas hastes revestidas são dispostas ao longo de um substrato como os dentes em um pente: há um pente de baixo e um pente de cima. Nós então entrelaçamos esses 'dentes'.

"Quando o índio e o gálio entram em contato, eles formam um líquido. O núcleo de metal dos nanobastões atua para transformar esse líquido em um sólido. A cola resultante fornece a força e a condutividade térmica e elétrica de uma ligação metálica," explicou Huang.

O pesquisador acrescenta que, além de resultar em conexões metálicas similares às obtidas com a solda a quente tradicional, a cola metálica torna o processo mais rápido, mais simples, com menor risco de danos às peças e, acima de tudo, custa menos.

"A cola metálica tem múltiplas aplicações, muitas delas na indústria eletrônica. Como condutor de calor, ela pode substituir a pasta térmica atual, e como condutor elétrico pode substituir as soldas de hoje. Isso envolve produtos que incluem células solares, acessórios para tubos e componentes para computadores e dispositivos móveis," finalizou Huang.

Com mercado externo forte, Avibras planeja faturar R\$ 1,3 bi neste ano

27/01/2016 – Fonte: CIMM

A Avibras, indústria aeroespacial de São José dos Campos, surpreendeu o mercado, há duas semanas, com o anúncio dos resultados financeiros de 2015. No ano passado, a receita bruta da empresa chegou a R\$ 1,1 bilhão – valor que é cerca de oito vezes maior que o gerado em 2012 e muito distante dos limites da crise iniciada há pouco mais de sete anos e da qual o grupo, dedicado a produção de sistemas de defesa, só começou a sair consistentemente em 2014, quando a receita atingiu R\$ 629,9 milhões.

"Em 2016, vamos continuar atuando fortemente nas transações externas", diz o superintendente João Brasil de Carvalho Leite. A meta, segundo ele, é superar o patamar de R\$ 1,3 bilhão em faturamento. "Nada mau depois de um longo ciclo negativo", diz o presidente Sami Hassuani.

A empresa ficou em recuperação judicial entre 2008 e 2010, demitiu centenas de funcionários, foi obrigada a vender boa parte dos ativos imobiliários e chegou muito perto da insolvência. Os credores foram pagos sem deságio e receberam correção monetária. Neste ano, a Avibras planeja contratar mais 300 pessoas para reforçar o quadro de 1.695 funcionários.

Quase toda a receita da empresa vem de operações no mercado externo. Em 2015 a participação das Forças Armadas brasileiras no volume total do faturamento ficou em R\$ 100 milhões. Em 2016, por causa da crise econômica e das restrições orçamentárias, não deve passar de R\$ 80 milhões.

Todavia, a principal aposta e programa prioritário da Avibras é do Exército, com uma variante específica para o Corpo de Fuzileiros Navais. Trata-se da geração 2020 do sistema Astros – a sexta desde o início da série, há 30 anos.

Muito moderna, contempla pela primeira vez no País, o emprego de um míssil de cruzeiro, o AV-TM com alcance de 300 km e aumenta a capacidade dos foguetes AV-SS-40, com raio de ação na faixa de 40 km, por meio de sensores de guiagem primária. Mais que isso, o conjunto Astros 2020 vai incorporar uma nova munição, capaz de atingir alvos a 150 km, também dirigida eletronicamente (leia mais ao lado).

Há boas possibilidades para o produto no mercado internacional. "Nossa forte atuação no exterior gerou uma carteira de pedidos da ordem de R\$ 4 bilhões e perspectivas reais de crescimento da ordem de mais R\$ 8 bilhões nos próximos anos", diz Hassuani.

Crise

Até agora, entretanto, a jornada da Avibras vinha sendo pedregosa. Em janeiro de 2008, o engenheiro e fundador da empresa, João Verdi, tratava de desenhar os planos de engenharia que fariam do lançador de foguetes Astros II (o principal produto da empresa)

um elemento de defesa do estreito de Málaca, por onde transitam 70% do petróleo do mundo.

Verdi tinha pressa. O cliente interessado, o exército da Malásia, queria contar com o recurso como elemento dissuasivo frente a uma eventual aventura militar vinda da vizinhança nervosa.

O negócio superava os R\$ 500 milhões, um dinheiro fundamental no ambiente pesado que se abatia sobre o mercado financeiro internacional e atingia, no Brasil, setores estratégicos como a indústria de equipamentos militares. Era um bom projeto. Faltou combinar com o destino.

No dia 28, João Verdi e a mulher, Sonia Brasil, decolaram do condomínio onde haviam passado o fim de semana, em Angra dos Reis, para voltar para casa, em São José dos Campos. Iam a bordo de um de seus dois helicópteros, o mesmo que usavam rotineiramente para ir da residência ao escritório ou para viagens, várias delas internacionais.

Pequena distância, rota conhecida. Verdi, um hábil piloto, estava no comando. O voo curto nunca foi completado. A aeronave caiu em meio à mata densa da serra, a altura da praia de Maranduba, no litoral norte de São Paulo. João e Sonia morreram. Os restos da aeronave só foram localizados um ano e meio depois, em julho de 2009.

“O céu desabou sobre a Avibras naquele momento”, lembra o presidente, Hassuani. A indústria aeroespacial, fortemente identificada com a imagem de seu criador e depositária de significativo patrimônio tecnológico, teve negócios interrompidos e entrou em uma longa fase de dúvidas e incertezas da qual só se livrou no fim do ano passado.

Verdi era uma figura e tanto. Nos anos 1980, dividia com José Luis Whitaker Ribeiro, presidente da extinta Engesa, fabricante de blindados, e com Ozires Silva, fundador da Embraer, o panteão dos empresários brasileiros que abriram praças comerciais para o portfólio nacional de material militar e aeroespacial. Clientela difícil, como eram o Iraque, a Líbia e a Arábia Saudita.

João Verdi era recebido por Saddam Hussein para jantar em Bagdá e despachava 24 horas depois com o rei saudita Fahd Bin Abdul Aziz al-Saud em Riad. Participava pessoalmente da entrega e dos testes dos lançadores Astros.

Para horror do Ministério das Relações Exteriores, ia parar na frente de batalha para verificar o desempenho dos seus “meninos” – os foguetes que saíam das linhas instaladas no km 14 da rodovia dos Tamoios, na represa de Santa Branca.

A Avibras nunca conseguiu superar a cifra de US\$ 1 bilhão em vendas internacionais registrada há 30 anos, sob o comando de Verdi.

Expoalumínio 2016 reúne principais setores da indústria

27/01/2016 – Fonte: CIMM

Entre os dias 7 e 9 de junho, a ExpoAlumínio 2016 - 6ª Exposição Internacional do Alumínio - será o ponto de encontro para os profissionais de toda a cadeia produtiva do alumínio e de seus setores consumidores, como embalagens, construção civil, transportes, máquinas e equipamentos, bens de consumo entre outros.

Promovida pela Reed Exhibitions Alcantara Machado e realizada pela Abal – Associação Brasileira do Alumínio, a Feira acontece simultaneamente ao 7º Congresso Internacional de Alumínio, que juntos devem reunir mais de 170 marcas nacionais e internacionais, e receber mais de 12 mil visitantes no São Paulo Expo Exhibition & Convention Center.

São grandes os motivos para visitar ou expor no evento, explica o diretor da feira, Alexandre Telles. "Na ExpoAlumínio é possível se relacionar com compradores e tomadores de decisão de empresas do Brasil e de fora. Na última edição, por exemplo, 89% dos visitantes consideraram-se satisfeitos com o evento e 80% declararam poder de compra relevante".

Mais de 40 empresas já confirmaram participação este ano, entre elas Latasa Reciclagem, Nacional Gás, Novelis do Brasil, Alcoa Alumínio, Companhia Brasileira de Alumínio, Alcast do Brasil e NorskHydro.

O acesso é gratuito para profissionais pré-credenciados do setor, portadores de convites impressos e estudantes com grupo pré-credenciado.

Serviço:

[6ª Exposição Internacional do Alumínio](#)

Local: São Paulo Expo Exhibition&Convention Center – São Paulo/SP

Data: 7 a 9 de junho de 2016

Horário da Exposição: 11h às 20h

Horário do Congresso: 9h às 18h

Remessas de lucro despencam e investimentos sobem em 2015

27/01/2016 – Fonte: Automotive Business

A aguda queda de quase 27% das vendas de veículos no mercado brasileiro, em conjunto com a acentuada valorização média de 42% do dólar sobre o real, derrubou em 2015 as remessas de lucro dos fabricantes de veículos para suas matrizes no exterior.

Segundo consta no balanço das constas externas brasileiras divulgado pelo Banco Central na terça-feira, 26, as montadoras instaladas no Brasil enviaram de janeiro a dezembro do ano passado o total de apenas US\$ 271 milhões, em pronunciado tombo de 70% sobre os US\$ 884 milhões remetidos em 2014, valor que já havia declinado 73% em relação a 2013.

O resultado atual é uma pequena fração da cifra recorde de US\$ 5,7 bilhões pagos como dividendos em 2011, quando os ganhos eram altos e a cotação do dólar desceu a R\$ 1,60.

O cenário atual inverteu o fluxo externo de capitais dos fabricantes de veículos no Brasil. Com o efeito multiplicador do dólar em alta sobre o real, vêm aumentando significativamente o volume de recursos injetados pelas matrizes em suas operações brasileiras.

O investimento estrangeiro direto (IED) recebido pelo setor cresceu expressivos 55%, de US\$ 2,91 bilhões em 2014 saltou para US\$ 4,52 bilhões em 2015 – sendo que US\$ 2,6 bilhões foram aportados somente em dezembro passado.

Com isso, as montadoras formaram o setor industrial que mais recebeu IED pelo segundo ano consecutivo. Os valores vêm sendo usados para pagar novas fábricas, ampliações e modernizações industriais, bem como o desenvolvimento de produtos, em projetos que foram decididos antes da derrocada do mercado.

Na mão contrária, continuaram insignificantes e ainda caíram quase que pela metade os recursos investidos pelas montadoras no Brasil em operações externas, principalmente em unidades na Argentina. O valor total de IED aplicado por fabricantes de veículos no exterior somaram US\$ 117 milhões em 2015, uma retração de 43,5% sobre os US\$ 207 milhões de 2014.

Seguiram ritmo parecido os empréstimos intercompanhia. As matrizes das montadoras no exterior emprestaram US\$ 5,52 bilhões às suas subsidiárias no Brasil em 2015, valor que cresceu 84% na comparação com os US\$ 3 bilhões de 2014.

No sentido inverso, por consequência, também houve expressivo crescimento das amortizações desses créditos tomados das sedes estrangeiras, que no ano passado chegaram a US\$ 3,5 bilhões, em expansão de 104% sobre o exercício anterior.

Veja no gráfico abaixo a evolução das remessas de lucros e dividendos dos fabricantes de veículos instalados no Brasil:



CEO da VW Truck & Bus reafirma confiança no Brasil

27/01/2016 – Fonte: Automotive Business



O CEO da Volkswagen Truck & Bus, Andreas Renschler, elogiou o desempenho da empresa no Brasil ao avaliar os resultados da divisão e a manutenção da liderança no mercado de caminhões pela MAN Latin America, que integra a marca Volkswagen Caminhões e Ônibus.

Em comunicado divulgado na terça-feira, 26, o executivo reafirmou a confiança no País: “O Brasil é e continuará sendo um dos nossos mais importantes mercados em expansão”.

O executivo que também é membro do conselho de administração do Grupo Volkswagen e presidente do comitê Sul-Americano da Federação das Indústrias Alemãs (BDI) analisou o cenário macroeconômico e declarou:

“É da natureza das coisas que um negócio altamente cíclico como o de veículos comerciais esteja sujeito a oscilações ainda maiores em economias emergentes. Os mercados sul-americanos nos trouxeram grande alegria no passado e o farão novamente no futuro. Estou convencido disso”, afirmou.

“No ano passado, a demanda por veículos comerciais viu uma queda maciça devido à crise econômica no Brasil. O fato de que os nossos colegas do Brasil conseguiram defender a sua posição como líder de mercado neste ambiente extremamente feroz é um resultado extraordinário”, disse Renschler.

O executivo lembrou que o ambiente econômico no País se deteriorou ao longo do ano e que este efeito foi reforçado pelas medidas de ajuste introduzidas pelo governo para conter a dívida e a inflação, além dos subsídios para financiamentos de caminhões e ônibus oferecidos em condições significativamente menos favoráveis, o que pressionou ainda mais o mercado.

Para o presidente da MAN Latin America, Roberto Cortes, a declaração do CEO reforça o reconhecimento às contribuições do mercado latino à divisão:

“Essa é uma demonstração de confiança da holding no Brasil e na América Latina. Mesmo diante das condições desafiadoras da indústria, mantemos nossos planos de investimento na região e defendemos nossa posição de liderança”, reforçou Cortes.

Ele atribuiu o resultado da empresa ao desempenho de sua rede de concessionários: “Soma-se a isso, certamente, a preferência de nossos clientes, que apreciam o valor de nossas marcas VW e MAN e seus benefícios”.

No ano passado, com as marcas Volkswagen e MAN, a montadora manteve a primeira posição no ranking das fabricantes de caminhões pelo 13º ano consecutivo, com 19,5 mil unidades. Já no segmento de ônibus, a MAN Latin America ficou em segundo lugar, com 3,6 mil emplacamentos de chassis

Ford aponta que vendas caíram 38% em janeiro

27/01/2016 – Fonte: Automotive Business

A **Ford** aponta que 2016 começou ainda mais difícil do que o esperado. Rogelio Golfarb, vice-presidente de assuntos corporativos da empresa para a América do Sul, aponta que os dados do Renavam revelam que, até 22 de janeiro, foram emplacados 115 mil veículos no Brasil, entre leves e pesados.

O número é 38% menor que o registrado nos mesmos dias 2015. “É preocupante, mas ainda é cedo para acreditar que este será o ritmo do ano e revisar projeções”, avalia. Segundo ele, a Ford trabalha com o cenário divulgado pela Anfavea de que o mercado nacional encolherá 7,5% em 2016, para 2,3 milhões de unidades.

Mesmo que seja necessário enfrentar contração das vendas, a Ford pretende defender a participação de mercado duramente conquistada em 2015, de 10,2%. Ao longo do ano passado, enquanto as líderes do mercado Fiat, General Motors e Volkswagen entregaram market share, a marca abocanhou quase 1 ponto porcentual de presença nas vendas, impulsionada pela boa performance da nova geração do Ka.

“Com declínio tão agressivo das vendas, é preciso administrar a redução do faturamento e o crescimento da competição entre as montadoras. Investimos em uma linha de produtos globalizada para defender nossa posição no mercado”, aponta.

Além de manter a presença nas vendas, Golfarb destaca a preocupação em garantir a saúde financeira dos negócios. Ele admite que o cenário exige atenção.

“Temos feito ajustes de preços, mas não conseguimos corrigir todos os aumentos de custos com o mercado contraído como está”, aponta. Segundo o executivo, a empresa vem trabalhando para reforçar as exportações, mas os resultados não são imediatos”.

“Estamos avaliando a possibilidade de vender para outros mercados, mas temos que lembrar que o cenário global traz muitos competidores com baixo custo de produção, como Índia, China e Coreia”, enfatiza.

Os clientes tradicionais da operação brasileira da Ford são os mercados latinos, como Chile, Argentina e Colômbia. Golfarb indica que, entre 2004 e 2005, a empresa chegou a exportar 42% da produção local. “Hoje estamos muito distantes disso”, diz, sem revelar qual é o porcentual atual.

DAF credencia caminhão CF para vendas via Finame

27/01/2016 – Fonte: Automotive Business



A nova linha de caminhões DAF CF85 lançada há dois meses durante a Fenatran poderá a partir deste mês contar ser 100% financiado por meio do Finame TJLP (taxa de Juros a Longo Prazo), modalidade que tem novas condições para a aquisição de veículos comerciais em substituição ao Finame PSI, extinto em 31 de dezembro.

O modelo fabricado na unidade de Ponta Grossa (PR) ultrapassou os 60% de índice de nacionalização de peças e componentes, mínimo exigido pelo BNDES para financiamentos com tais condições. Com este nível, o caminhão também passa a atender as normas do Inovar-Auto.

“Apresentamos o CF ao mercado na Fenatran há cerca de dois meses e, cumprindo o que prometemos, o nosso modelo pesado já conta com o Finame, a principal linha de crédito para aquisição de caminhões no País. Esta é mais uma prova do empenho de todo o nosso time e do compromisso de longo prazo que assumimos com o mercado brasileiro”, afirma Michael Kuester, presidente da DAF Caminhões Brasil.

Oferecido nas versões 4x2 e 4x6 com duas opções de cabine, o DAF CF é equipado com o motor Paccar MX 12.9 litros, de 360 cv ou de 410 cv de potência. A transmissão é automatizada ZF de 16 marchas.

Queda no frete marítimo faz Cargill fechar unidade londrina

27/01/2016 – Fonte: Portos e Navios

A interdição do porto de Tubarão, operado pela Vale, em Vitória (ES), pode interromper a exportação de 200 mil toneladas de minério de ferro que faz por dia por falta de movimentação de cargas, estima a empresa.

Na última quinta-feira a Polícia Federal interditou as operações da Vale e da siderúrgica ArcelorMittal no porto capixaba por suspeita de crime ambiental cometido por ambas as empresas.

Na decisão, o juiz federal Marcus Vinícius Figueiredo Costa determina que a medida seja mantida até que sejam interrompidas as emissões de poeira de carvão no ar e de pó de minério no mar de Vitória. A Vale recorreu da decisão na sexta-feira no Tribunal Regional Federal da 2ª Região.

O advogado Sérgio Bermudes, que representa a mineradora, afirmou que a interdição causa prejuízo diário de R\$ 35 milhões em cargas que deixam de ser movimentadas. "Afeta catastróficamente a economia do Espírito Santo e do Brasil e tem reflexo em empresas menores que operam na área".

O mandado de segurança impetrado pela Vale foi distribuído ao juiz Vigdor Teitel, que tinha 48 horas para decidir se mantém ou não a interdição. A Vale informou, por meio de nota,

que o fechamento do terminal de Praia Mole impede ainda o recebimento diário de 44 mil toneladas de carvão mineral.

O porto de Tubarão é de uso privado (TUP). É o segundo em tonelagem escoada no Brasil, atrás do Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, no Maranhão, também da Vale. De janeiro a setembro, foram embarcadas 82,5 milhões de toneladas de minério de ferro. O escoamento representa quase um terço das exportações do produto pelo país. No caso do carvão, entraram 8,9 milhões de toneladas.

O impacto sobre a Vale no caso do minério de ferro é direto, já que a commodity que produz em Minas Gerais deixa de ser entregue a seus clientes no mercado transoceânico. Mas o carvão é utilizado em usinas de aço do país. Segundo a ArcelorMittal, usuária dos serviços do porto, a decisão ainda não impactou atividades.

O tamanho da operação que passa por Tubarão é relevante inclusive no resto do mundo. A Vale é a maior produtora internacional de minério de ferro e, a depender de quantos dias o porto ficar paralisado, o impedimento das exportações pode até mesmo mexer com o preço no mercado transoceânico.

Em relatório, Carsten Menke, analista do banco suíço Julius Baer, diz que a interdição pode aliviar no curto prazo a pressão sobre os preços da commodity. Na sexta-feira, os contratos futuros do minério tiveram alta superior a 4% na bolsa de Cingapura, mas o mais líquido, com vencimento em março, subiu 1,12%, para US\$ 38,43 a tonelada. No porto chinês de Qingdao, foi a US\$ 42 (mais 2,2%).

"O impulso deve ser apenas temporário, já que o porto deve reabrir quando os problemas de poluição forem resolvidos", aponta o banco. "O mercado de minério de ferro vai continuar com excesso de oferta, o que garante a visão de longo prazo mais negativa".

Paralelamente à interdição, a Prefeitura de Vitória multou na quinta-feira a Vale e a Arcelor em R\$ 34,2 milhões cada uma por poluírem o meio ambiente. Cada uma recebeu cinco multas. "Os danos que essas indústrias provocam são de décadas e permanentes.

Temos tido uma boa relação com elas do ponto de vista do diálogo, mas não tem avanço prático", afirmou o prefeito de Vitória, Luciano Rezende (PPS). Ele disse que os problemas causados à saúde da população pelas emissões, como infecções respiratórias e alergias, geraram um "clamor da população para que a situação seja resolvida".

A Arcelor e a Vale informaram ter recebido a notificação da Secretaria de Meio Ambiente de Vitória (Semmam). A mineradora afirmou que irá avaliá-la para se manifestar dentro do prazo estipulado pelo órgão. Acrescentou que "vem atuando e investindo continuamente em seus sistemas de controle ambiental e cumprindo rigorosamente a legislação ambiental vigente".

Procurado pelo Valor, o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema), de Vitória, não quis se pronunciar.

Rio Tinto pode tirar Vale do 1º lugar em produção de minério

27/01/2016 – Fonte: Exame

A Rio Tinto está prestes a empatar com a Vale – ou até mesmo desbancá-la – no posto de maior produtora de minério de ferro do mundo neste ano já que a mineradora com sede em Londres está expandindo a oferta enquanto sua concorrente enfrenta o impacto do rompimento da barragem da Samarco, sua joint venture, em novembro, no Brasil.

As principais produtoras continuam aumentando a produção, mesmo com o colapso dos preços, buscando expandir a participação de mercado e reduzir os custos através da utilização total de suas redes de minas, ferrovias e portos.

A Rio Tinto prevê que a produção de suas minas, incluindo as toneladas alocadas a parceiros, aumentará cerca de 7 por cento neste ano, para 350 milhões de toneladas, enquanto a Vale reduziu no mês passado sua estimativa para 2016, de 376 milhões de toneladas há um ano para 340 milhões a 350 milhões de toneladas.

"É apenas uma mudança temporária enquanto não forem iniciadas as operações do projeto S11D da Vale, que é enorme", disse Adrian Doyle, consultor sênior da CRU Group em Sidney, em entrevista por telefone.

A Vale prevê que a produção se expandirá para 420 milhões a 450 milhões de toneladas em 2019 à medida em que a companhia aumentar a oferta, incluindo as 90 milhões de toneladas por ano do ativo S11D no norte do Brasil, que está programado para entrar em atividade no segundo semestre deste ano.

Artigo: Dilema

27/01/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

É preciso ser míope, ingênuo ou mal informado para não reconhecer que a política monetária nunca esteve, de fato, no controle da economia americana. O FED (o Banco Central dos EUA) assistiu, surpreso, à sua "grande moderação" terminar na "grande decepção" de 2008.

Foi obra da "ciência" imaginária dos "mercados perfeitos" inventada para eliminar, em nome da "eficiência", os necessários controles sobre o sistema financeiro instalados nos anos 30 do século passado.

A verdade é que hoje, depois de 3.000 dias e US\$ 3 trilhões despejados pelo FED, pelo Banco Central Europeu e pelo Banco Central do Japão, além das ejaculações monetárias aleatórias do Banco Central Chinês, o mundo continua pendurado na brocha! Não é razoável acreditar que eles tenham o "mapa" (a teoria) e a "bússola" (a experiência) para saber o que fazer: apenas apalpm às cegas, os problemas que ajudaram a criar, mas não têm como resolver.

A recente decisão do nosso Banco Central de manter a taxa Selic em 14,25% produziu um enorme ruído, apesar de ter sido, pelo menos na minha opinião, correta. Cynicamente, é melhor ser deselegante certo do que ser elegante errado.

A crítica pertinente é que isso compromete a já baixa credibilidade da política econômica: Alexandre Tombini teria cedido à pressão do governo. Talvez, mas existe uma hipótese com maior probabilidade de ser a verdadeira: Tombini levou a Dilma a assustadora "visão do mundo" que começa a circular à socapa entre os agentes mais responsáveis.

Não dá mais para continuar ignorando que os problemas geopolíticos, os juros baixos e o endividamento por tanto tempo cobram o seu preço nos EUA, na Europa, no Japão e na China. Na economia não estimularam os investimentos e, conseqüentemente, a demanda efetiva.

E na China, levaram a um superinvestimento público e privado cada vez mais insustentável. À persistente baixa inflação (nem elevá-la conseguiram!) somou-se o baixo crescimento real, o que reduziu o aumento nominal do PIB e tornou a necessária desalavancagem mais lenta e custosa.

Por fim, o enorme endividamento dos governos inibiu o investimento público e a falta de demanda efetiva reduziu o investimento do setor privado. O que estamos vendo (supervalorização dos ativos financeiros, lentidão do ajuste de preços dos alimentos e minérios, queda do crescimento) é apenas a ponta de um iceberg que tem submersa a potencialidade de um desastre!

O dilema é simples: ninguém sabe se haverá a necessária acomodação geopolítica e, na economia, se haverá tempo suficiente para uma desalavancagem controlada, ou se, a qualquer momento, um evento crítico iniciará uma nova crise mundial.

(Antonio Delfim Netto - Ex-ministro da Fazenda (governos Costa e Silva e Médici), é economista e ex-deputado federal).

Dilma diz que situação internacional é adversa e Brasil precisa da América Latina para crescer

27/01/2016 – Fonte: R7

A presidente Dilma Rousseff afirmou, em visita ao Equador na terça-feira, que o Brasil enfrenta situação adversa no atual cenário econômico internacional, com queda do preço do petróleo e outras commodities e desaceleração da China, e só voltará a crescer se também houver crescimento dos demais países da América Latina.

"Nós temos muita consciência de que o Brasil não retoma a sua capacidade de crescer, que o Brasil não consegue restabelecer as suas condições sustentáveis de crescimento, nesse novo contexto internacional, sem o crescimento dos demais países da América Latina, sem que os demais países da América Latina tenham também condições de se recuperar", disse Dilma em encontro com o presidente do Equador, Rafael Correa, de acordo com transcrição divulgada pelo Palácio do Planalto.

Segundo Dilma, também afeta a economia brasileira a forte desvalorização do dólar frente ao real.

"Nós tivemos uma desvalorização muito significativa. Na metade do meu primeiro governo, o dólar estava um dólar para 1,5 real. Hoje está 1 dólar para 4 reais. Isso é a forma pela qual nós iremos enfrentar, nos acomodar diante dessa conjuntura", afirmou.

A economia brasileira enfrentou forte recessão em 2015, e o Fundo Monetário Internacional (FMI) piorou neste mês a perspectiva de contração da atividade econômica brasileira em 2016, além de não ver mais retomada do crescimento em 2017.

No Equador, Dilma afirmou ainda que concordou com Correa sobre a necessidade de se intensificar a cooperação econômica e comercial entre os países da América Latina e do Caribe para superar os desafios impostos pela crise.

Representantes de Brasil e Equador terão reunião em março para resolver questões fitossanitárias e discutir investimentos de empresas brasileiras e equatorianas nos dois países, segundo a presidente.

"Neste sentido, também manifestamos nossa disposição de negociar um acordo de cooperação e facilitação de investimentos, capaz de oferecer um marco sólido para estimular iniciativas de empresas equatorianas e brasileiras".

"Estou segura de que assim estaremos fortalecendo nosso relacionamento econômico", disse Dilma em pronunciamento à imprensa após a reunião.

Dilma participa nesta quarta-feira em Quito de cúpula de chefes de Estado e de governo da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac).

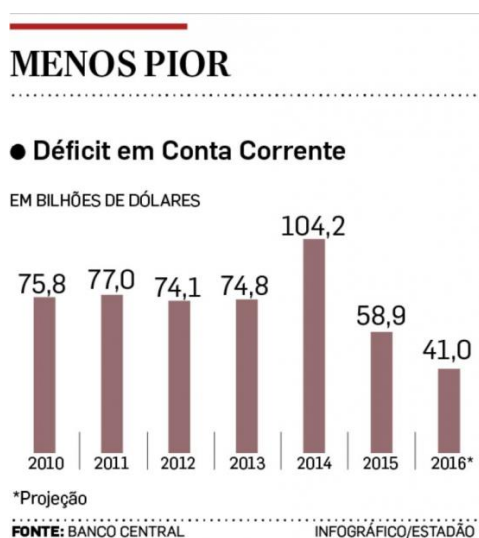
Artigo: Melhora em dólares

27/01/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

No meio de tanta notícia ruim, as contas externas continuam produzindo boas surpresas. As Transações Correntes (ou Conta Corrente) são as contas externas que mostram o resultado da entrada e saída de moeda estrangeira no País. Só não fazem parte desse cálculo os fluxos de capitais. A cada momento, a situação das Transações Correntes reflete as condições de saúde cambial de uma economia.

E o que se viu das contas externas é que o rombo que chegara às alturas dos US\$ 104,2 bilhões em 2014, caiu quase à metade, para US\$ 58,9 bilhões em 2015. Como o PIB é a renda de um país, um jeito adequado de medi-lo é em proporção a ele.

É como medir a capacidade de consumo e investimento de qualquer pessoa pelo seu salário. Pois o déficit em Transações Correntes, que fora de 4,3% do PIB em 2014, caiu para 3,3% do PIB em 2015. Essa relação só não foi menor porque o próprio PIB caiu quase 4% no ano passado.



Mais notável foi o resultado da conta do Investimento Estrangeiro Direto no País. Esperava-se que em 2015 não passasse dos US\$ 65 bilhões e, no entanto, chegou a US\$ 75,1 bilhões. Apenas em dezembro, a entrada de moeda estrangeira nessa conta foi de US\$ 15,2 bilhões.

O setor externo é a primeira área importante da economia que acusa forte ajuste. Ele acontece a despeito das condições adversas do mercado global, como a desaceleração da economia da China, a fraqueza da atividade econômica na Europa e nos Estados Unidos e a derrubada dos preços das commodities, das quais o Brasil é grande produtor.

Dois fatores estão empurrando a virada das contas externas. O primeiro é a própria recessão (queda do consumo) que afundou não só as importações de mercadorias, mas também as de serviços (transportes, seguros, viagens).

O segundo é a desvalorização do real diante do dólar (de 32,86% em 2015), que barateou em moeda estrangeira o produto nacional, impulsionou as exportações e trouxe mais capitais porque o investidor estrangeiro passou a obter mais reais por dólares trazidos para cá.

A relativa saúde cambial demonstrada pelas contas externas é uma das principais características (positivas) que diferenciam a crise atual das anteriores que maltrataram a economia desde o início dos anos 80. (O outro é a saúde do sistema financeiro.)

Não há fuga de capitais. Ao contrário, a entrada de dólares continua positiva. O alto estoque de reservas externas, de US\$ 370 bilhões, é boa garantia para que isso não aconteça.

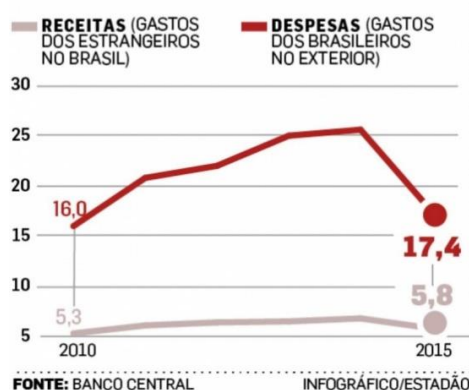
A melhora do setor externo não é suficiente para produzir a virada na economia brasileira – ao contrário do que alguns ministros, especialmente Miguel Rossetto, do Trabalho, vêm equivocadamente afirmando. Mas pode ajudar, desde que o governo apresse as negociações de novos acordos comerciais.

Efeito positivo não desprezível desse ajuste externo é a tração que exerce para 2016. As projeções do Banco Central são de um salto de 70% no resultado comercial, para US\$ 30 bilhões; de um déficit ainda mais baixo em Transações Correntes, para 2,7% do PIB; e de entrada líquida de Investimentos Diretos no País de US\$ 60 bilhões. São números que devem ser revistos para melhor ao longo do ano.

CONFIRA:

● Conta de viagens internacionais

EM BILHÕES DE DÓLARES



Viajar ficou mais caro

As estatísticas de serviços mais divulgadas são as das viagens internacionais. Um aumento do déficit nessa conta reflete o dólar mais barato e uma melhora da renda. Agora, esse déficit está menor, porque a recessão e o dólar caro tornaram essas viagens proibitivas para boa parte da população.

Em 2014 o déficit foi de US\$ 18,7 bilhões. Em 2015, US\$ 11,5 bilhões. Como 2016 será um ano ainda mais difícil, deve diminuir mais. O Banco Central projeta US\$ 9 bilhões.

(Celso Ming- Colunista do jornal O Estado de S. Paulo).

Abraceel propõe adesão de 330 mil indústrias ao mercado livre

27/01/2016 – Fonte: DCI

A Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel) deve entregar amanhã para o ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, uma proposta de acesso imediato de todo o parque fabril brasileiro ao mercado livre de energia.

De acordo com nota, o pedido da entidade se baseia nas condições de preços extremamente favoráveis no mercado livre de energia para os próximos cinco anos, em função da sobra energética no sistema. O documento traz dois estudos independentes que projetam uma redução de 46% na conta de luz das indústrias que podem negociar diretamente no mercado livre.

A consultoria Dcide projeta, com base nos preços esperados pelas 35 maiores empresas que operam no mercado elétrico, o preço de R\$ 155,51 o megawatt/hora (MWh), ao passo que a tarifa média estimada com base no mix de compra das dez maiores distribuidoras é de R\$ 288,09/MWh.

Hoje, só 15 mil indústrias têm acesso ao mercado livre, por força da regulação em vigor, sendo que o País tem de 330 mil fábricas.

Demissões em Congonhas assustam prefeitura e sindicato

27/01/2016 – Fonte: Diário do Comércio

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) já teria demitido 250 trabalhadores da área de mineração nos ativos de Casa de Pedra e da Nacional Minérios S/A (Namisa), que estão localizados em Congonhas (Campo das Vertentes).

Porém, o número pode chegar a 950 funcionários diretos, sem contar os terceirizados, o que pode acrescentar centenas de pessoas na conta final das demissões. As informações são do sindicato Metabase Inconfidentes, que representa os trabalhadores da mineração na região.

Segundo o presidente do sindicato, Ivan Targino, a própria empresa anunciou as 950 demissões em reunião com os dirigentes da entidade no último dia 11. De lá para cá, 250 trabalhadores diretos já foram demitidos, mas o sindicato não está fazendo as homologações porque alega que a companhia está promovendo demissão em massa. Procurada pela reportagem, a CSN não comentou o assunto.

“Isso configura um processo de demissão em massa. A empresa apenas informou que iria demitir, mas se recusa a negociar com o sindicato. Entendemos que isso está errado do ponto de vista judicial”, declarou Targino.

Ele acrescentou que a empresa justificou as demissões em função da crise econômica e especificamente da queda dos preços internacionais do minério de ferro, que só no ano passado chegou a desvalorizar 41%.

“A CSN alegou que a queda do preço do minério de ferro compromete o caixa e que não tem condições econômicas de garantir o emprego desses 950 funcionários, mas o plano dela é de manter a produção. E ela tem mercado. O problema é que a empresa não quis nem negociar até agora”, frisou o sindicalista.

Representação - Em função do problema, o sindicato entrou com representação contra as demissões no Ministério Público do Trabalho (MPT) e com uma liminar na Justiça do Trabalho de Congonhas para suspender as dispensas e ainda reintegrar os funcionários desligados até o momento. Hoje, acontece audiência pública na Justiça do Trabalho do município e amanhã outra no MPT na Capital. Ambas discutirão o caso.

As 950 demissões, se concretizadas, representam pouco mais de 20% de todo o efetivo de trabalhadores diretos da área de mineração da siderúrgica. Ao todo, o sindicato calcula que são 4,5 mil trabalhadores com carteira assinada nas atividades de mina. No entanto, outros cerca de 3 mil terceirizados também estão sofrendo o impacto da medida.

É o que garantiu o prefeito de Congonhas, José de Freitas, o Zelinho. Segundo ele, as empreiteiras que trabalham para a companhia também estão demitindo. “Se houver isso tudo de demissões o impacto na economia do município será grande. Mas até agora, no dia 11, a CSN me confirmou apenas 150 desligamentos”, afirmou.

Zelinho explicou que, como a mineração é uma atividade típica da região, o trabalhador regional se especializa na área e, normalmente, encontra dificuldades de recolocação. “Quando alguém do setor era demitido há alguns anos, logo o mercado contratava, mas agora com a crise econômica, isso não vai acontecer”, disse.

Mesmo com o abafamento do alto-forno 2 da Usina Presidente Vargas, em Volta Redonda (RJ), e as cerca de 700 demissões na unidade, tanto o prefeito quanto o presidente do

sindicato dos trabalhadores da região afirmaram que a companhia não dá sinais de que vai reduzir a produção e que ela ainda tem mercado garantido.

O prefeito de Congonhas garantiu ainda que fez um apelo à empresa para cessar as demissões e que também já envolveu o governador Fernando Pimentel nas negociações. "Sabemos que a produção não vai cair porque a CSN tem vendas futuras garantidas. Isso não é um problema de minério ou de mercado", acrescentou Zelinho.

A área de mineração chegou a salvar os resultados financeiros da CSN durante o ciclo virtuoso do minério de ferro. O setor chegou a representar 34,7% da receita líquida da companhia e ter uma participação de 55% na formação do Ebitda (lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização) ao final de 2011. Essas fatias caíram para 22,4% e 42,1%, respectivamente, ao término do terceiro trimestre de 2015, os últimos números divulgados pela siderúrgica.

Em um ano, Brasil perde sete posições em ranking mundial de corrupção

27/01/2016 – Fonte: O Globo



O Brasil perdeu sete posições no ranking de corrupção medido pela organização Transparência Internacional e divulgado nesta terça-feira, na Alemanha. Em 2015, o país ficou em 76º em uma lista de 168 posições.

Obteve nota 38, em uma escala de 0 a 100 sobre a corrupção percebida no sistema público, em que a nota máxima significa país livre de corrupção. Em 2014, o Brasil figurava na 69ª colocação com 43 pontos.

— Apenas o pequeno país africano Lesoto teve um desempenho tão ruim quanto o do Brasil. No caso brasileiro, não ficamos surpresos. Desde o escândalo do mensalão, a questão da corrupção entrou na agenda pública do país.

Houve protestos sobre desvios em obras da Copa e agora o rumoroso caso da Petrobras. O que preocupa é que no Brasil não se trata de um político fazendo algo sujo individualmente, a corrupção é crime organizado — afirma Alejandro Salas, diretor regional de Américas da Transparência.

O relatório credita às descobertas da Operação Lava-Jato o aprofundamento da crise econômica brasileira. De acordo com a organização, o país "foi atingido pelo escândalo da Petrobras, no qual políticos são acusados de receber propina em troca de contratos públicos.

A economia foi triturada e dezenas de milhares de brasileiros já perderam seu emprego. Esses trabalhadores desempregados não são os responsáveis pelas decisões corruptas, mas são aqueles obrigados a viver com suas consequências".

Na América Latina, o Brasil não é exceção à tendência recente apontada pela Transparência de grandes escândalos de corrupção que fustigam políticos e provocam revolta popular.

Em meio à percepção negativa da opinião pública nacional e internacional quanto à corrupção no Brasil, os analistas da Transparência Internacional ressaltam pontos positivos

no momento vivido pelo país. Salas salienta que pessoas até então consideradas “intocáveis” por seu poder político ou econômico estão sob investigação e mesmo presas.

— As instituições como a Polícia Federal, o Ministério Público e a Justiça estão funcionando. Não acredito que os malfeitos tenham aumentado no Brasil nos últimos 20 anos. A diferença é que agora ficamos sabendo do que aconteceu e a população já não mostra mais tolerância a esse tipo de desvio — afirma Salas.

Apenas investigação e revolta, no entanto, não bastam para solucionar definitivamente o problema da corrupção.

— Em 2015, nada mudou na agenda política porque o Congresso é um circo de políticos brigando por interesses pessoais e bloqueando a aprovação das necessárias reformas institucionais. Algo tem que mudar — diz Salas.